

***Cada vez mais:* algumas observações acerca da quantificação e da graduação¹**

Luís Filipe Cunha
António Leal

0. Introdução

O item lexical *cada*, um quantificador universal com leitura tipicamente distributiva, pode ocorrer, em Português Europeu, na expressão *cada vez mais/menos*. Vejamos alguns exemplos.

- (1) A heroína é cada vez mais uma droga fumada e menos injetada. (ext.875)²
- (2) E na Penha de França cheira cada vez menos a chocolate. (ext.4191)

Cremos, contudo, que estes exemplos ilustram não apenas uma, mas duas construções, com estruturas sintáticas e valores semânticos distintos: uma construção, designada “construção comparativa serial” em Marques (2003), que é um tipo de construção comparativa que expressa uma ordenação de grau tipicamente em relação a uma série de entidades; uma outra construção, que consiste num tipo de expressão adverbial de quantificação sobre o padrão de ocorrência das eventualidades.

Assim, em primeiro lugar, iremos apresentar, de uma forma breve, a proposta de Marques (2003) e avançaremos com algumas evidências que suportam a divisão em duas estruturas subjacentes a esta expressão. De seguida, analisaremos esta construção enquanto instanciação de uma “construção comparativa serial”, relacionando-a com o tipo de constituintes que podem ocorrer no seu escopo, concentrando-nos sobretudo nos de natureza nominal. Analisaremos também esta construção enquanto adverbial de quantificação, realçando o seu papel aspetual.

¹ Este trabalho foi apresentado no XXXVI Simpósio de la Sociedad Española de Lingüística, Madrid, 2006.

² Os exemplos assinalados com “ext” são retirados do *Corpus CETEMPúblico 1.7 anotado 2.0*.

1. Cada vez mais como “construção comparativa serial” e como adverbial de quantificação

1.1. As construções comparativas seriais (Marques, 2003)

Marques (2003:278) analisa a expressão “cada vez mais/menos”, integrando-a, entre outras, no conjunto das “construções comparativas seriais”. Segundo o autor, estas construções “...expressam uma ordenação de grau relativamente a uma série. Ou seja, é considerada uma escala e um conjunto de entidades ordenadas temporalmente, sendo indicada uma relação entre estes dois conjuntos ordenados” (Marques, 2003:269). “Essa série pode ser constituída por entidades de natureza temporal (“dia”, “verão”) ou por situações ou intervalos típicos (“vez”)” (Marques, 2003:271).

“Cada vez mais/menos” são construções comparativas, dado que está envolvida a comparação entre graus (de temperatura, de interesse, de dificuldade...), mas distinguem-se das restantes construções comparativas por expressarem uma correlação de escalas (à medida que se avança numa escala, avança-se também na outra).

No que diz respeito à sua estrutura, são constituídas por uma construção comparativa simples (expressa por *mais/menos*), sob o escopo de um sintagma como “cada vez”, “de dia para dia”, “à medida que”, etc. (designado por elemento estruturante da ordem ou elemento ordenador). Este elemento ordenador é constituído pelo quantificador “cada” e uma estrutura nominal, que identifica um conjunto de objetos ordenado no tempo; em alguns casos, o elemento ordenador é um advérbio (“progressivamente”, “crescentemente”).

Para Marques (2003), só há, portanto, um tipo de construção, que explica todos os exemplos anteriores.

1.2. Cada vez mais: evidências para a defesa de duas estruturas subjacentes

Acreditamos que, contudo, há dois tipos de construções subjacentes a esta expressão. Num caso, ela funciona como um único constituinte. No outro, temos dois constituintes autónomos, que podem ocorrer em adjacência na frase. Iremos analisar apenas dois casos em que é visível a distinção entre estas construções (cf. Leal (2012), para um aprofundamento desta questão).

O primeiro aspeto que distingue os dois tipos de construções tem a ver com a interpretação que cada uma delas recebe. Vejamos os seguintes exemplos.

- (3) a. A Maria bebe cada vez mais cerveja.
- b. Cada vez a Maria bebe mais cerveja.
- c. Cada vez mais a Maria bebe cerveja.

O exemplo (3a) é ambíguo e as paráfrases (3b) e (3c) ilustram claramente ambos os sentidos que (3a) pode ter. Em (3b), o advérbio *mais* quantifica diretamente sobre o objeto direto *cerveja*, daí resultando a seguinte interpretação: de cada vez que há uma verificação do predicado “a Maria beber mais cerveja”, “a Maria bebeu mais

cerveja que na vez anterior”. Esta será a leitura que Marques (2003) identifica como sendo a leitura das construções comparativas seriais. A informação veiculada por *cada vez* é apenas a de quantificação sobre um par de unidades de tempo ordenadas; esse par é constituído por intervalos típicos, expressos por “vez” e por verificações da eventualidade (“a Maria beber cerveja”).

A leitura da frase (3c) é diferente. De cada vez que há uma verificação da eventualidade “a Maria beber cerveja”, a Maria não bebeu mais cerveja do que na vez anterior, mas sim, possivelmente, *a mesma quantidade*. Por seu lado, a informação veiculada por *cada vez mais* é a de que o número de vezes em que ocorre a eventualidade “a Maria beber cerveja” aumentou. Por outras palavras, há um adverbial de frequência, que quantifica o predicado, em (3c): *cada vez mais*.

A frase (3a), como foi dito antes, é ambígua entre estas duas leituras. Contudo, na oralidade, podemos, por meios prosódicos, focalizar um ou outro constituinte, de forma a desambiguar as frases.

- (4) a. A Maria bebe CADA VEZ mais cerveja.
- b. A Maria bebe CADA VEZ MAIS cerveja.

Em (4a), a entoação permite focalizar o constituinte “cada vez”, dando origem à interpretação apontada para (3b) anterior. Já em 4b, a entoação permite focalizar o constituinte “cada vez mais”, dando origem à mesma interpretação que (3c) anterior.

O segundo tipo de evidências tem a ver com o licenciamento de construções comparativas. Vejamos os exemplos.

- (5) a. O Pedro gosta mais de matemática do que o Ricardo (gosta de matemática)
- b. O Pedro gosta cada vez mais de matemática do que o Ricardo (gosta de matemática)
- c. Cada vez o Pedro gosta mais de matemática do que o Ricardo (gosta de matemática)
- d. */?? Cada vez mais o Pedro gosta de matemática do que o Ricardo (gosta de matemática)

Em (5a), encontramos a típica construção comparativa, com o conector de comparação “do que” a introduzir o segundo termo de comparação. Compara-se o grau de “gostar de matemática” possuído pelo Pedro com o grau de “gostar de matemática” possuído pelo Ricardo e afirma-se que o primeiro é superior, na escala, ao segundo. Já em (5b) se afirma que o intervalo entre os graus é maior. Esse aumento está ligado a verificações do predicado. Os constituintes “cada vez” e “mais” aparecem em adjacência, contudo são distintos, e “mais”, sendo um constituinte autónomo, licencia a estrutura comparativa, tal como em (5a). A interpretação de (5c) é exatamente igual à de (5b). Neste caso, verificamos claramente que estamos a lidar com dois constituintes distintos, “cada vez” e “mais”.

O exemplo (5d) é agramatical. A anteposição não só de “cada vez” como também de “mais” não permite o licenciamento da estrutura comparativa, o que indicia que estamos na presença de um só constituinte que nada tem a ver com as estruturas comparativas anteriores. Note-se que, se o segundo termo de comparação

for removido, o exemplo é gramatical, embora com uma leitura semântica distinta.

(6) Cada vez mais o Pedro gosta de matemática.

Em síntese, verificámos que a interpretação de “cada vez mais” como um só constituinte consiste no aumento das ocorrências da eventualidade e não no aumento do grau de um predicado, não licenciando estruturas comparativas. Por seu lado, a interpretação de “cada vez... mais” como dois constituintes autónomos consiste, pelo contrário, no aumento do grau de um predicado, mas não no aumento das verificações da eventualidade, licenciando estruturas comparativas.

2. Algumas observações acerca da construção comparativa serial

A construção comparativa serial *cada vez mais/menos* aparenta ser uma instância da quantificação de graduação, na terminologia de Peres (1992), ou da quantificação de grau, segundo Sánchez López (1999). Este facto é comprovado de várias maneiras. Em primeiro lugar, esta construção pode afetar predicados nominais, mas também adjetivais (principalmente), preposicionais, adverbiais e verbais.

- (7) A moderna comunicação social tem-se desenvolvido dando cada vez mais importância ao audiovisual. (ext.21914)
- (8) Os investidores, cada vez mais sensíveis, estão a reagir prontamente não tomando posições. (ext.32)
- (9) Traduzindo assim o sentimento de medo e de abandono da população, numa ilha cada vez mais à margem do Estado de direito. (ext.6814)
- (10) O responsável pelo centro referiu que o balanço de dois anos de existência é positivo porque os toxicodependentes recorrem à consulta cada vez mais cedo. (ext.12234)
- (11) Na 5 de Outubro, em Lisboa, fala-se cada vez mais na última reviravolta na RTP. (ext.2779)

Em segundo lugar, esta expressão encontra-se em distribuição complementar com os quantificadores de grau proporcionais.

- (12) A moderna comunicação social tem-se desenvolvido dando {demasiada/muita/bastante/pouca/alguma} importância ao audiovisual.
- (13) Os investidores, {demasiado/muito/bastante/pouco/algo} sensíveis, estão a reagir prontamente não tomando posições.
- (14) Traduzindo assim o sentimento de medo e de abandono da população, numa ilha {demasiado/muito/bastante/pouco/algo} à margem do Estado de direito.
- (15) O responsável pelo centro referiu que o balanço de dois anos de existência é positivo porque os toxicodependentes recorrem à consulta {demasiado/muito/bastante/?pouco/algo} cedo.
- (16) Na 5 de Outubro, em Lisboa, fala-se {demasiado/muito/bastante pouco/?algo} na última reviravolta na RTP.

Note-se, contudo, que esta expressão licencia estruturas comparativas, tal como os quantificadores de grau comparativos.

- (17) Os investidores, cada vez mais sensíveis do que distraídos, estão a reagir prontamente não tomando posições.

Isto parece evidenciar que esta construção se situa entre os quantificadores proporcionais e os quantificadores comparativos, na terminologia de Sánchez López (1999).

Em terceiro lugar, quando esta expressão afeta predicados nominais, estes são tipicamente cumulativos (Krifka, 1998): nomes contáveis no plural sem determinação ou nomes não contáveis no singular. Isto confirma a ideia de Peres (1992) de que a quantificação de graduação é um subtipo da quantificação de medição e não de contagem.

- (18) O autarca explica que, contrariamente ao sustentado pelo governante, «este ano houve as maiores dificuldades de sempre, porque se vive com cada vez menos dinheiro e mais encargos». (ext.141751)

O facto de os nominais afetados pela construção comparativa serial serem tipicamente cumulativos está relacionado com o facto de, com nominais, a construção comparativa serial ter associada a si uma escala de grau que expressa “quantidade” ou “número de”. Por outras palavras, a escala relevante indica o número ou quantidade de elementos que pertencem à denotação do nominal no escopo da expressão. Por outro lado, a construção comparativa serial determina que a progressão na série de unidades temporais seja acompanhada por uma progressão equivalente na escala de grau. Ou seja, o aumento do número de entidades pertencentes à denotação do nominal no escopo de *mais* acompanha a progressão na escala de entidades ordenadas temporalmente. Isto implica que se excluam desta construção os nominais com alguma espécie de determinação que requeira a individuação quer de partes singulares quer de partes plurais. De facto, ao corresponderem ou a uma parte singular ou a uma parte plural de um conjunto base, os sintagmas definem um certo número de entidades, o que contraria a informação veiculada pela construção comparativa serial de que o número de entidades está a aumentar. Vejamos os seguintes exemplos.

- (19) * Vi cada vez mais {o/um/os/uns} aluno(s) na sala.
(20) Vi {o/um/os/uns} alunos na sala.
(21) Vi cada vez mais alunos/ água na sala.

(19) é agramatical em qualquer das variantes, pois o sintagma no escopo de *mais* considera ou partes singulares (*o, um*) ou partes plurais (*os, uns*) do conjunto base definido pelo nominal *alunos*. Isto não está de acordo com a informação veiculada por *cada vez mais*, que indica que o número de entidades que são *alunos* e que estão envolvidos na situação que consiste em *ver alunos na sala* aumenta de intervalo relevante para intervalo relevante, ou seja, de verificação para verificação. A remoção da construção comparativa serial recupera a gramaticalidade da frase, como se vê

pelo exemplo (20). A gramaticalidade do exemplo (21), com um mero plural ou com um massivo no singular sem determinação, pode ser explicada se adotarmos a perspectiva de Chierchia (1998b) no tratamento dos nominais. Para este autor, os nomes massivos têm um comportamento semelhante ao dos nomes contáveis no plural porque a sua denotação é essencialmente igual. Os nomes contáveis no singular denotam uma classe de objetos e no plural denotam uma classe de grupos desses objetos. Por seu lado, os nomes massivos denotam não só o conjunto de indivíduos que são partes mínimas da sua extensão, mas também todas as pluralidades possíveis desses indivíduos. Ou seja, os nomes massivos surgem do léxico como plurais semânticos e é esse aspeto que os distingue dos nomes contáveis (Hipótese da Pluralidade Inerente). Dado que não está determinado quantas entidades em questão é que são *água* ou que são *alunos*, nem por que número de entidades é que são formadas as pluralidades das entidades em questão, podemos interpretar “cada vez mais água” como “à medida que se avança no tempo, os grupos de pluralidades de entidades que são *água* têm em maior grau a propriedade numérica, ou seja, são mais numerosos”. Por seu lado, a interpretação de “cada vez mais alunos” é a seguinte: “à medida que se avança no tempo, os grupos de pluralidades de entidades que são *alunos* têm em maior grau a propriedade numérica, ou seja, são mais numerosos”.

Estas observações são aparentemente contrariadas por exemplos como (1), agora renumerado como (22), e (23).

(22) A heroína é cada vez mais uma droga fumada e menos injetada. (ext.875)

(23) A Espanha é cada vez mais o maior parceiro comercial de Portugal. (ext.8377)

Em qualquer um dos casos, o nominal no escopo de *cada vez mais* ocorre determinado (por *uma, o*). Contudo, note-se que o constituinte em questão tem uma função predicativa e não argumental. Assim, nestes casos, não estamos a falar de entidades denotadas por *droga* ou *parceiro*, mas sim de propriedades, como *ser uma droga fumada, ser uma droga injetada, ser o maior parceiro comercial de Portugal*, propriedades essas que vão estabelecer uma escala, nestes casos de tipo “qualitativo”, necessária para a comparação de graus. Este facto é particularmente notório em frases predicativas identificacionais, que se caracterizam por necessitarem de duas expressões referenciais, que são permutáveis. A construção comparativa serial parece, nestes casos, transformar a expressão referencial numa expressão predicativa, com um significado do tipo “comportar-se tipicamente como” ou “ter as propriedades típicas da entidade em questão”.

(24) O Sócrates é o Primeiro Ministro/ O Primeiro Ministro é o Sócrates.

(25) O Sócrates é cada vez mais o Primeiro Ministro e cada vez menos o secretário geral do PS.

Note-se, por fim, que, numa construção predicativa, o estabelecimento de uma escala quantitativa é possível sem qualquer nominal no escopo de *cada vez mais/menos* (parafraaseável por *cada vez mais/menos numerosos*).

- (26) Os participantes nas conversações são cada vez menos. (ext.57470)
(27) São cada vez mais os operadores que se mostram convencidos disso. (ext.17527)

Em suma, a construção comparativa serial *cada vez mais/menos* parece ser uma instância da quantificação de graduação (Peres, 1992; Sánchez López, 1999), afetando constituintes de natureza nominal, adjetival, preposicional, adverbial e verbal. Quando afeta nominais, a escala de grau é normalmente de tipo quantitativo, expressando uma propriedade numérica. Assim, é necessário que esses nominais possam denotar pluralidades de entidades cujo número possa aumentar. Daí que a ocorrência de nominais corresponda, na maior parte dos casos, a nomes massivos ou contáveis no plural sem determinação. A ocorrência de nomes sujeitos a operações de determinação é possível apenas quando a expressão é predicativa. Nestes casos, não está em causa o número de entidades, ou seja, a propriedade que determina a escala de grau não é numérica (número de entidades em questão), mas sim uma propriedade “qualitativa”.

Passamos agora à análise de *cada vez mais* enquanto adverbial de quantificação.

3. Cada vez mais quantificador sobre situações

Reunidas as circunstâncias adequadas, *cada vez mais* pode funcionar como um verdadeiro quantificador sobre situações, dando conta do aumento da frequência em que estas ocorrem. Na aceção em apreço, a sua interpretação corresponde a paráfrases como *cada vez mais vezes* ou *cada vez mais frequentemente*.

Preferencialmente, *cada vez mais* quantificador de situações surge no início da frase, funcionando, no seu todo, como um operador sobre eventualidades. Isto significa que não é, em princípio, decomponível, na medida em que não suporta a separação de qualquer dos elementos que intervêm na sua construção, independentemente do material linguístico introduzido.

Procuraremos, em seguida, fornecer uma breve caracterização do funcionamento de *cada vez mais* quantificador de situações, centrando-nos sobretudo na determinação tanto do seu *input* quanto do seu *output*.

3.1. Possibilidades combinatórias

À exceção dos estados de indivíduo não faseáveis, que, por razões óbvias, não podem ser quantificados (cf. (28)-(29)), *cada vez mais* pode surgir com todas as classes aspetuais de predicções, como os exemplos que se seguem nos confirmam:

- (28) * Cada vez mais a Maria é alta. (estado de indivíduo não faseável)
(29) * Cada vez mais o João tem um BMW. (estado de indivíduo não faseável)
(30) Cada vez mais o meu cão é agressivo com as visitas. (estado de indivíduo faseável)
(31) Cada vez mais a Paula está doente. (estado de estádio)
(32) Cada vez mais o António ouve música clássica. (processo)
(33) Cada vez mais o José apresenta o telejornal. (processo culminado)

(34) Cada vez mais o João encontra a Maria na faculdade. (culminação)

(35) Cada vez mais o João bate à porta da vizinha. (ponto)

No entanto, *cada vez mais* quantificador revela fortes restrições no que respeita às suas possibilidades de coocorrência não só com certos processos (cf. (36)-(37), mas inclusivamente com processos culminados (cf. (38)) e com culminações (cf. (39)):

(36) * Cada vez mais o Jorge dorme. (processo)

(37) * Cada vez mais os gnus pastam. (processo)³

(38) * Cada vez mais o João come este/o bolo. (processo culminado)

(39) * Cada vez mais o meu gato morre. (culminação)

Como poderemos explicar este tipo de restrições? O que condiciona, em última instância, as possibilidades de ocorrência de *cada vez mais* quantificador de situações?

Uma hipótese de resposta a estas questões passa pela consideração da distinção entre as eventualidades que podem ser “contadas” e aquelas que se encontram de todo impedidas de surgir nos contextos em causa. Tal como observado em Cunha (2007), as situações representadas em (36)-(39) não se combinam com expressões do género de “N vezes”, o que significa que, de alguma forma, não reúnem as condições necessárias para tomarem parte em estruturas de “contagem” (cf. (40)-(43)):

(40) * O Jorge dormiu três vezes.

(41) * Os gnus pastaram três vezes.⁴

(42) * O João comeu este/o bolo três vezes.

(43) * O meu gato morreu três vezes.

Também no caso de *cada vez mais* quantificador de situações, as eventualidades de tipo “contável” não poderão, em princípio, ser diretamente correlacionadas com as predicções de natureza “quantizada”, ao contrário do que é geralmente defendido na literatura (vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Krifka (1989, 1992, 1998) ou de Filip (1996, 2000a,b)).

Na realidade, os autores em apreço sustentam que o carácter “quantizado” de uma dada situação depende, basicamente, do facto de esta ostentar um perfil aspetual de índole tética. Com efeito, é tipicamente assumido que, para que uma situação possa ser considerada “quantizada”, ela terá de ser também obrigatoriamente tética.

³ Sublinhe-se que, quando é acrescentado um adverbial que, de alguma forma, favorece a delimitação dos processos básicos, estas frases tornam-se perfeitamente aceitáveis, como (i) e (ii) nos confirmam:

(i) Cada vez mais o Jorge dorme no Hotel Tuela.

(ii) Cada vez mais os gnus pastam fora da reserva natural.

⁴ Sublinhe-se que uma frase como a ilustrada em (41) se torna perfeitamente natural se houver um adverbial que forneça um enquadramento apropriado (cf. “Os gnus pastaram três vezes esta semana”). Procuraremos fornecer uma explicação adequada para estes casos mais à frente, sugerindo que a determinação do intervalo proporcionada por este género de adverbiais facilita a delimitação das situações sob o escopo do quantificador em causa.

No entanto, não só encontramos estados e processos no escopo de *cada vez mais* quantificador de eventualidades (cf. (30)-(32)) como também subsistem certas predicções inegavelmente télicas, como processos culminados e culminações, que não admitem a integração em construções de “contagem” (cf. (42)-(43)).

No sentido de encontrar uma solução mais satisfatória para o problema das restrições combinatórias manifestadas por *cada vez mais* quantificador de situações, adotaremos aqui a proposta de Cunha (2007) para a caracterização das eventualidades “contáveis”, que pode ser sintetizada da seguinte forma: uma situação pode comparecer numa estrutura de “contagem” se e só se (i) ostenta um perfil interno temporalmente bem delimitado e (ii) pode ser repetível.

Uma abordagem como esta permite explicar a total incompatibilidade de *cada vez mais* quantificador de situações com estados de indivíduo não faseáveis (cf. (28)-(29)), na medida em que, aplicando-se diretamente às entidades que predicam, os estativos em causa não podem, por princípio, ser espaço-temporalmente delimitados.

A nossa proposta de análise será igualmente capaz de dar conta das flutuações de aceitabilidade que se observam relativamente aos processos. Comparem-se, a este respeito, os exemplos em (44) e (45) com os de (46) e (47):

(44) * Cada vez mais o Pedro fala.

(45) * Cada vez mais os gnus pastam.

(46) Cada vez mais o Pedro fala na televisão.

(47) Cada vez mais os gnus pastam fora do Parque Nacional.

Em casos como os acima representados, a informação veiculada pelos adverbiais que acompanham os processos, facilitando a sua delimitação, parece ser a responsável pela sua possibilidade de “contabilização” e, conseqüentemente, pela sua aceitabilidade no contexto de *cada vez mais* quantificador de situações.

Finalmente, a incompatibilidade de certas predicções télicas com *cada vez mais* quantificador de situações, ilustrada em exemplos como (38) e (39), fica a dever-se, muito provavelmente, à irrepetibilidade que caracteriza as eventualidades envolvidas.

No entanto, note-se que nem todas as eventualidades que podem ser contadas surgem, sem dificuldades, no contexto de *cada vez mais* quantificador de situações. Comparem-se os seguintes exemplos ilustrativos:

(48) A Maria esteve grávida três vezes.

(49) O Pedro esteve preso três vezes.

(50) # Cada vez mais a Maria está grávida.

(51) # Cada vez mais o Pedro está preso.

Contrastes como os que acabámos de apresentar sugerem que, para além da mera “contabilização” das situações envolvidas, *cada vez mais* requer, de alguma forma, um número mínimo de ocorrências para ser licenciado sem problemas. Uma tal observação remete-nos para a necessidade de caracterizar o *output* que resulta da aplicação do quantificador em análise, o que faremos em seguida.

3.2. *Cada vez mais* quantificador de situações: entre a frequência e a habitualidade

O facto de *cada vez mais* quantificador de situações parecer exigir um número mínimo de ocorrências das eventualidades a que se aplica para poder ser interpretável sugere que estamos, efetivamente, perante uma construção de frequência (cf. Cunha, 2006a; 2012).

Na realidade, uma das características que identificam as configurações de cariz frequentativo é a sua sensibilidade ao número concreto de ocorrências das situações envolvidas, na medida em que se trata de uma construção que tipicamente veicula a simples quantificação, deixando para um plano secundário as consequências ao nível do perfil temporal interno final das eventualidades. Ou seja, as estruturas que exprimem frequência, tal como *cada vez mais*, têm em conta a quantidade de situações repetidas, mesmo que não a especifiquem em termos numéricos (veja-se a distinção entre baixa, média e alta frequência proposta em Cunha, 2006a; 2012).

Sob este ponto de vista, *cada vez mais* quantificador de situações encontra-se em plena conformidade com as restantes expressões que, de um modo ou de outro, remetem para leituras frequentativas, na medida em que, como elas, dá lugar preferencialmente a uma operação de cariz manifestamente quantitativo, no caso um padrão de ocorrências que exprime a variação crescente da repetição.

Por outras palavras, ao veicular um padrão de repetição variável crescente, *cada vez mais* interfere sobretudo no número ou na quantidade de eventualidades envolvidas, relegando para um plano secundário as propriedades relativas ao seu perfil aspetual.

No entanto, *cada vez mais* quantificador de situações manifesta comportamentos linguísticos que o aproximam, de forma inequívoca, das configurações de habitualidade. Vejamos em que medida.

Em primeiro lugar, sublinhe-se que *cada vez mais* quantificador sobre situações parece não poder ocorrer com todos os tempos gramaticais do Português. Na realidade, existe uma forte tendência para a seleção de tempos que, de alguma forma, remetam para a não delimitação do intervalo em que as eventualidades são localizadas, como é o caso do Presente do Indicativo e do Imperfeito. Contrastem-se os seguintes exemplos ilustrativos:

- (52) *Cada vez mais* o meu cão foge de casa.
- (53) *Cada vez mais* o meu cão fugia de casa.
- (54) * *Cada vez mais* o meu cão fugiu de casa.
- (55) * *Cada vez mais* o meu cão tinha fugido de casa.

O facto de *cada vez mais* quantificador de situações selecionar forçosamente os tempos que explicitamente denotam a não delimitação dos intervalos para que remetem aproxima a construção em apreço das frases habituais que, como é consensualmente assumido na literatura, se encontram tipicamente associadas a este género de tempos gramaticais, chegando mesmo a ser, muitas vezes, desencadeadas por eles.

Um outro ponto de convergência entre *cada vez mais* quantificador de situações e

as estruturas que exprimem habitualidade tem que ver com as restrições manifestadas em relação aos adverbiais temporais. Com efeito, tanto *cada vez mais* (cf. (56)-(59)) quanto as frases habituais (cf. (60)-(63)) requerem intervalos de tempo relativamente longos para o seu licenciamento, contrastando com as construções frequentativas que, em geral, são muito mais flexíveis e menos exigentes a este nível (cf. (64)-(67)):

- (56) # De há dois dias para cá / desde há dois dias, cada vez mais o meu computador apanha vírus estranhos.
- (57) # De há uma semana para cá / desde há uma semana, cada vez mais o meu computador apanha vírus estranhos.
- (58) De há dois anos para cá / desde há dois anos, cada vez mais o meu computador apanha vírus estranhos.
- (59) De há vinte anos para cá / desde há vinte anos, cada vez mais o meu computador apanha vírus estranhos.
- (60) # De há dois dias para cá / desde há dois dias, o meu computador apanha vírus estranhos habitualmente.
- (61) # De há uma semana para cá / desde há uma semana, o meu computador apanha vírus estranhos habitualmente.
- (62) De há dois anos para cá / desde há dois anos, o meu computador apanha vírus estranhos habitualmente.
- (63) De há vinte anos para cá / desde há vinte anos, o meu computador apanha vírus estranhos habitualmente.
- (64) De há dois dias para cá / desde há dois dias, o meu computador apanha vírus estranhos poucas / algumas / muitas vezes / frequentemente.
- (65) De há uma semana para cá / desde há uma semana, o meu computador apanha vírus estranhos poucas / algumas / muitas vezes / frequentemente.
- (66) De há dois anos para cá / desde há dois anos, o meu computador apanha vírus estranhos poucas / algumas / muitas vezes / frequentemente.
- (67) De há vinte anos para cá / desde há vinte anos, o meu computador apanha vírus estranhos poucas / algumas / muitas vezes / frequentemente.

Com base nas observações que acabámos de efetuar, poderemos concluir que *cada vez mais* quantificador de situações combina propriedades típicas das frases habituais com características próprias das construções de cariz frequentativo. Na realidade, embora manifeste importantes restrições no que diz respeito às possibilidades combinatórias com os adverbiais temporais e selecione apenas tempos gramaticais que remetem para a não delimitação dos intervalos – comportamentos que, até certo ponto, podem ser diretamente associados às estruturas habituais – a configuração em apreço, ao dar conta de um padrão de repetição variável crescente de eventualidades, aponta prioritariamente para a simples quantificação e não tanto para a caracterização ou para a generalização das entidades que predica, aproximando-se, assim, das configurações frequentativas.

Observações semelhantes podem ser estendidas à construção *cada vez menos*, quando esta precede, como um todo, a predicação com que se combina. Sublinhe-se, no entanto, que, neste caso, estaremos perante a expressão da quantificação de um padrão variável decrescente de ocorrências das eventualidades envolvidas.

4. Conclusões

Concluindo, verificámos que a expressão *cada vez mais* pode ser analisada como duas construções distintas. Esta diferenciação baseia-se, entre outros fatores, na possibilidade de atribuição de diferentes interpretações e no licenciamento de construções comparativas.

Em relação a *cada vez mais* construção comparativa serial, vimos que esta expressão veicula quantificação de graduação, operando sobre nominais de tipo cumulativo.

No que diz respeito a *cada vez mais* quantificador de situações, observámos que seleciona exclusivamente como seu *input* eventualidades “contáveis”, i.e., estados de coisas delimitados e repetíveis.

O seu efeito mais visível será, pois, o de explicitar uma repetição de padrões de ocorrência variável crescente, que parece estar a meio caminho entre a expressão da frequência e a da habitualidade.